#NACOPAVAITERLUTA
PSTU
Opinião Socialista
WWW.PSTU.ORG.BR
NÚMERO 481 ► DE 28 DE MAIO A 17 DE JUNHO DE 2014 ► ANO 17
R$ 2
Greves sacodem o país
Dia 12 vamos à luta
GREVE DA EDUCAÇÃO
NÃO É MINHA FUNÇÃO !
NÃO FAÇO !
VAI TER GREVE
GREVE
SOU PARTE DESTA HISTÓRIA
Pra virar o jogo é necessário uma greve geral
Zé Maria pré-candidato
Seminário Nacional discute o Brasil para os trabalhadores
Página 10

■ VAI DAR PAGODE 1 - A FIFA registrou a palavra "Pagode" no Inpi (Instituto Nacional de Propriedade Intelectual) em setembro de 2013, o que significa que qualquer uso comercial da palavra é passível de ação judicial até o fim do ano.

■ VAI DAR PAGODE 2 – Diante da imensa repercussão negativa, a FIFA ensaiou um recuo e disse que "*não tem a intenção de impedir que terceiros utilizem a palavra pagode*". Mas que a palavra seja associada com a Copa.

PROER DE DILMA

A presidente Dilma Rousseff editou uma Medida Provisória que dispensa empresas falidas e bancos em liquidação de recolher o imposto de renda sobre ganhos de capital quando o dinheiro da venda de bens for usado para quitar dívidas com a União. A nova lei vai permitir que bancos com dívidas bilionárias consigam, agora, pagá-las com mais facilidade. Entre essas dívidas estão as do Proer, programa de socorro instituído pelo governo FHC, com recursos públicos. Serão beneficiados, por exemplo, os bancos Nacional e Econômico que, juntos, devem R$ 46,8 bilhões à União.

PÉROLA

Agora esses vira-latas já sabem: vai ser assim também dia 12.

EMIR SADER , intelectual ligado ao PT sobre as manifestações dos sem-tetos no Itaquerão.

AUMENTO DE LUCRO

Entre 2011 e 2012, empresas de ônibus da cidade de São Paulo chegaram a aumentar seu lucro líquido em até 2.056%. Planilhas de custo das empresas que operam o serviço de transporte urbano na capital, disponíveis em arquivos da Secretaria municipal de Transportes e divulgadas também pelo Fórum de Transparência e Controle Social de São Paulo, apontam o lucro líquido de cada empresa em 2012 e 2011. No caso da Viação Santa Brígida, por exemplo, as demonstrações dos resultados dos exercícios da empresa nos dois anos mostram que seu lucro líquido passou de R$ 340.735 em 2011 para R$ 7.346.690 em 2012.

LATUFF

Mineiros repudiam presidente turco após acidente em mina.

CURRICULUM VITAE

O atual presidente do sindicado dos motoristas e cobradores de São Paulo, Valdevan Noventa, foi preso em 2003 junto com o antigo presidente da entidade "Jorginho" (na época seu aliado, hoje adversário) sob a acusação de comandar *lockout* em conluio com a patronal. Noventa já assumiu uma cooperativa de perueiros em Taboão da Serra, onde se tornou vereador pelo PV. Mais tarde, foi investigado pela Polícia Civil por suspeita de lavar dinheiro do tráfico de Paraisópolis nas lotações da cidade, além de ligação com a facção criminosa PCC. Em 2010, o assassinato de três dirigentes do Sindmotoristas-SP levantou suspeitas de que o então presidente "Jorginho" comandava um esquema interno de desvio de dinheiro nos contratos de planos de saúde da categoria. O esquema que, segundo a Polícia Civil, teria movimentado irregularmente cerca de R$ 500 mil.

O TOPO DA PIRÂMIDE 1

Segundo a revista norte-americana Forbes, as 15 famílias mais ricas do Brasil concentram uma fortuna de R$ 270 bilhões, cerca de 5% do PIB do país. Esse patrimônio das 15 famílias é dez vezes maior que a renda de 14 milhões de grupos familiares atendidos pelo programa Bolsa Família. O programa atendeu 14 milhões de famílias, em 2013, com um orçamento de R$ 24 bilhões, equivalentes a 0,5% do PIB.

O TOPO DA PIRÂMIDE 2

Lidera a lista da publicação a família Marinho, proprietários das Organizações Globo, que possui uma fortuna estimada em R$ 64 bilhões de reais. Também aparece na lista o Grupo Abril, do clã Civita, com patrimônio de mais de R$ 7 bilhões. Claro, o setor bancário também está presente nas fortunas das famílias mais ricas do Brasil, representado pelas famílias Safra, (Banco Safra), Moreira Salles (Itau/Unibanco), Villela (Itaúsa), Aguiar (Bradesco) e Setubal (Itaú).

ERRATA

No gráfico da página 11 da última edição, sobre remessas de lucros, há um dado errado. Ao invés de "R$ 30 milhões", foram enviados R$ 30 bilhões em remessas pelas montadoras.

Conheça Zé Maria

Zé Maria é operário e começou sua militância em 1976, em Santo André (SP). Por lutar, ao lado dos trabalhadores e da juventude, pelas liberdades democráticas e o direito à organização dos trabalhadores, foi preso e torturado pela ditadura. Participou ativamente das lutas e mobilizações da classe operária no ABC paulista que foram fundamentais na luta pelo fim da ditadura. Esteve à frente, em 1980, da fundação do PT e, posteriormente, da Central Única dos Trabalhadores. Em 1992, foi expulso do PT junto com a Convergência Socialista por defender o "Fora Collor" contra a direção do partido e por discordar da adaptação petista aos patrões e ao Estado. Em 1994, ajudou a fundar o PSTU. Hoje, constrói a CSP-Conlutas, importante instrumento de organização dos trabalhadores.

São quase quatro décadas ao lado dos trabalhadores e com a mesma convicção de que só a luta pelo socialismo pode mudar de verdade a vida dos trabalhadores.

OPINIÃO SOCIALISTA
publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO
Diego Cruz, Jeferson Choma, Raiza Rocha, Luciana Candido, Wilson H. da Silva

DIAGRAMAÇÃO
Romerito Pontes, Thiago Mhz, Victor "Bud"

IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356

CORRESPONDÊNCIA
Avenida Nove de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000
Fax: (11) 5581.5776
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL
Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ - maceio@pstu.org.br | pstual.blogspot.com

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310. Bairro Pacoval. Tel: (96) 3224.3499 | macapa@pstu.org.br

AMAZONAS
MANAUS - R. Manicoré, 34 - Cachoeirinha
CEP 69065100

BAHIA
SALVADOR - Rua Santa Clara, nº 16, Nazaré. pstubahia@gmail.com pstubahia.blogspot.com
CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ
FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056
fortaleza@pstu.org.br
JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel.
(88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul.
(61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br
pstubrasilia.blogspot.com

GOIÁS
GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt-28, casa 02 - Setor Leste Universitário.
(62) 3541.7753 | goiania@pstu.org.br

MARANHÃO
SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo.
(98) 8812.6280/8888.6327
saoluis@pstu.org.br
pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto.
(67) 3331.3075/9998.2916
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE - Edifício Vera Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala 2001.
bh@pstu.org.br | minas.pstu.org.br
BETIM - (31) 9986.9560
CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724
ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647
JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro.
pstu16juizdefora@gmail.com
MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.
UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629 | uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ
BELÉM - Av. Almirante Barroso, Nº 239, Bairro: Marco. Tel: (91) 3226.6825
belem@pstu.org.br

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco
(83) 241-2368. joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ
CURITIBA - Av. Vicente Machado, 198, C, 201. Centro
MARINGÁ - R. Taí, 597, Sala 11. Centro. Sarandi-PR (44) 9963-5770 | (44) 9944-2375

PERNAMBUCO
RECIFE - Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410
pernambuco@pstu.org.br
www.pstupe.org.br

PIAUÍ
TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. teresina@pstu.org.br
pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458
riodejaneiro@pstu.org.br | rio.pstu.org.br
MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.
DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro.
d.caxias@pstu.org.br
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308 - Centro.
niteroi@pstu.org.br
NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151
NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira
NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro
VALENÇA - sulfluminense@pstu.org.br
VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado.
(24) 3112.0229 | sulfluminense@pstu.org.br | pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL - Rua Letícia Cerqueira, 23. Travessa da Deodoro da Fonseca. (entre o Marista e o CDF) - Cidade Alta. (84) 2020.1290. Gabinete da Vereadora Amanda Gurgel : (84) 3232.9430. natal@pstu.org.br. psturn.blogspot.com

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 Portinho, 243
(51) 3024.3486/3024.3409
portoalegre@pstu.org.br
pstugaucho.blogspot.com
GRAVATAÍ - Av. José Loureiro Silva, 1520, Sala 313 - Centro. (51)9364.2463
PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722
SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579
pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO
SÃO PAULO - saopaulo@pstu.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604
ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080
ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170
ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98195 6893
BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com
CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672 | campinas@pstu.org.br
GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484
MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213 - Centro. (11) 9987.2530
PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, sala 5 - Jardim Caiçara. (18) 3221.2032
RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242 | ribeirao@pstu.org.br
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro. (11) 4339.7186 | saobernardo@pstu.org.br
pstuabc.blogspot.com
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845 | sjc@pstu.org.br
EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917, sobreloja - Pq. Pirajuçara. (11) 4149.5631
SUZANO - (11) 4743.1365
suzano@pstu.org.br

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas.
(79) 3251.3530 | aracaju@pstu.org.br

Greves entram em campo pra virar o jogo!

Unir o time para construir a greve geral!

Na Copa da FIFA e das empreiteiras, os trabalhadores sabem que estão fora do jogo. Por isso fazem outro campeonato, o das greves, lutas e manifestações! Há poucos dias da Copa do Mundo no Brasil, esquenta o clima de greves e protestos em todo o país. Ao contrário de outras Copas, em que o povo pintava as ruas e decorava as casas, agora os trabalhadores e a juventude fecham ruas com passeatas decoradas por bandeiras de seus movimentos.

O que explica que no país do futebol, 55% da população (segundo o Datafolha) acha que a Copa vai trazer mais prejuízos do que benefícios? A população já percebeu que o tal "legado"da Copa será os bilhões que a FIFA e as grandes multinacionais que patrocinam o Mundial vão lucrar, fora o que as grandes construtoras levaram com as obras dos estádios.

Os trabalhadores sentem que a hora de arrancar conquistas é agora, afinal, porque a FIFA vai sair ganhando? A luta é por salários, mas também por saúde, educação, moradia, transportes e contra as injustiças da Copa!

A greve dos motoristas e cobradores que parou a cidade de São Paulo e a greve operária da construção civil de Cubatão são somente dois exemplos de que os trabalhadores estão dispostos a jogar uma partida acirrada contra os patrões e também contra os sindicatos pelegos. Na greve dos rodoviários de São Paulo, além da rebelião contra o sindicato, os trabalhadores se apropriaram dos ônibus que ficaram parados nos corredores, sumiram com as chaves e furaram os pneus, mostrando que os métodos radicalizados fazem parte deste novo momento.

Os professores do Rio de Janeiro, que receberam a seleção com protestos no Rio, estão cansados de serem desvalorizados. Os educadores gritavam: *"um professor vale mais do que um Neymar"*. Isso porque as estrelas da seleção ganham bilhões, enquanto os professores ficam meses em greve para conseguirem algum aumento.

Mas foi na cidade de Teresópolis, nas portas da Granja Comary, que a revolta foi maior. Em 2011, 350 pessoas morreram na cidade por causa das chuvas e deslizamentos e, até hoje, os desabrigados não receberam as moradias prometidas, enquanto gastou-se mais de R$ 15 milhões para renovar o centro de treinamento da seleção.

O governo Dilma abre as portas do Brasil para a FIFA mandar. A Lei da Copa, que passou a valer desde o dia 22 de junho, entrega, entre outras coisas, as Arenas para a FIFA tomar conta. Ao redor dos estádios, até mesmo os moradores terão que pedir autorização para entrar em suas casas e os comerciantes só poderão vender os produtos dos patrocinadores oficiais da Copa ou autorizados pela FIFA.

Dilma também mobiliza o Exército e a Força Nacional para reprimir os possíveis protestos. A repressão aos movimentos sociais se intensifica. Matheus Gomes, estudante e militante do PSTU, está sendo criminalizado por ter participado das lutas contra o aumento da passagem em Porto Alegre. Vários outros estudantes estão sendo processados e perseguidos em todo o país. Tudo isso mostra que Dilma quer garantir a Copa da FIFA a qualquer custo, mostrando seu compromisso com o imperialismo.

Mas até agora o time dos trabalhadores promete continuar dando trabalho aos adversários. Várias outras greves estão marcadas pra começar nas próximas semanas. O dia 12 de junho está sendo organizado como um dia de luta que unifique todos os setores. As lutas necessitam de unidade para serem vitoriosas e para marcar um golaço contra todas as injustiças da Copa é necessária a construção de uma greve geral.

Os trabalhadores e a juventude querem mudança mas para ter mudança de verdade é preciso romper com os banqueiros, empreiteiros e ruralistas. É preciso romper com o pagamento da dívida pública para destinar recursos para a saúde, educação, moradia, transporte e reforma agrária. O PSTU apresenta uma alternativa para as lutas e também para mudar o país, construindo um Brasil para os trabalhadores. Por isso apresenta a candidatura de Zé Maria e de Cláudia Durans e chama a construirmos juntos um programa que expresse a vontade e a necessidade dos trabalhadores. ■

Vem pra luta você também no dia 12 de junho!

É necessário unificar as lutas e preparar uma Greve Geral

Educadores em greve no Rio de Janeiro cercam ônibus da seleção brasileira em Teresópolis.

Da Redação

Faltando poucos dias para a Copa, o país vive uma efervescência de greves e mobilizações. Uma das características mais surpreendentes é que muitas categorias estão indo à luta passando por cima das direções pelegas dos sindicatos. Algo que foi visto nas greves dos garis, no Rio de Janeiro, dos operários do Comperj e na greve dos rodoviários do Rio Grande do Sul. Agora, as rebeliões de base ganharam força com a greve dos motoristas e cobradores do Rio de Janeiro e, mais recentemente, na greve rodoviária que paralisou São Paulo.

Nos anos 1980, as rebeliões de base contra os sindicatos pelegos expressavam um novo movimento sindical combativo. Greves contra patrões e sindicalistas pelegos explodiram em metalúrgicos, bancários, petroleiros, entre outras categorias, e deram origem a CUT. Hoje, essa central está do lado do governo e tenta impedir qualquer luta que possa atrapalhar a presidenta Dilma.

As novas rebeliões de base são resultado da nova situação política do país aberta com as mobilizações de junho. São os trabalhadores, confiando em suas próprias forças e acreditando que só a sua luta vai mudar a vida.

A CSP-Conlutas participa nessas greves levando seu apoio e solidariedade. Neste momento, diante das greves que tomam conta do país, é necessário unificar as lutas e preparar uma Greve Geral para arrancar as reivindicações dos trabalhadores. Organize seu local de trabalho e exija que seu sindicato venha pra luta! Exija que seu sindicato rompa com os governos e defenda as reivindicações que sua categoria está levantando!

Na Copa vai ter luta! Vem pra rua você também no dia 12 de junho! Vamos unir na luta os trabalhadores, movimento popular e a juventude.

MOTORISTAS E COBRADORES

Rodoviários param SP

"Esse sindicato não presta para nada, nunca nos representou de verdade". A fala do jovem cobrador, revoltado com a postura da direção do sindicato, é um exemplo da rebelião de base que parou São Paulo nos dia 20 e 21.

A greve foi deflagrada depois que o sindicato (filiado a UGT) aceitou uma proposta de reajuste de 10% contra os 13% exigidos pela categoria. Segundo um trabalhador, o sindicato fez uma assembleia "com meia dúzia de militantes deles", fazendo aprovar o acordo de forma nada representativa. *"O acordo já foi feito, foi fechado, e não foi passado para nós em assembleia"*, afirma o condutor.

Ao perceberem a manobra, os ônibus, aos poucos, foram parando nos terminais e bloqueando avenidas.

A grande imprensa, patrões e o prefeito Haddad (PT) atacaram a greve, chamando a ação de "terrorista" provocada por "uma minoria", que parou ao menos 90% da categoria. *"Eles estão do lado do patrão e da prefeitura, não falam a verdade sobre nosso movimento grevista"*, gritava um trabalhador na frente de uma garagem.

A greve terminou na manhã do dia 22. Contudo, seguindo o exemplo de São Paulo, motoristas e cobradores de empresas que atendem Osasco, Carapicuíba, Itapecerica da Serra, Diadema e São Bernardo do Campo também paralisaram suas atividades.

Nacional

As policiais civis de 13 estados e do Distrito Federal realizaram uma paralisação nacional no dia 21. Também foram realizadas manifestações pela categoria em ao menos 16 estados. Um ato nacional foi realizado em Brasília com a presença de 250 policiais e parou a circulação no entorno da Esplanada dos Ministérios.

Os servidores públicos federais agora entraram firmes na campanha salarial. Além da greve da base do Sinasefe (servidores federais da educação básica) e da Fasubra (trabalhadores das universidades) e dos servidores da área da Cultura, os funcionários da Polícia Federal realizaram uma paralisação de 24 horas. Os professores das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) também paralisaram. Já os funcionários do Judiciário, reunidos na Federação Nacional dos Trabalhadores do Judiciário Federal e Ministério Público da União (Fenajufe) realizaram um paralisação em diversas seções pelo país.

Minas Gerais

Em Belo Horizonte, os professores e servidores municipais realizaram no dia 20 uma assembleia e ato unificado. No mesmo dia, professores realizaram a assembleia e ato em Contagem. As categorias estão em greve desde o início de maio e estão acampados na frente da Prefeitura de BH que foi reforçado pelos ativistas do movimento Tarifa Zero.

Pará

No dia 19 de maio, os Professores da Rede Municipal de Ananindeua, município próximo a Belém (PA), ocuparam a sede da Câmara de Vereadores. Em greve desde o dia 5, os trabalhadores tentam retomar as negociações com o prefeito Manoel Pioneiro (PSDB). Além de Ananindeua, Barcarena e Abaetetuba também se encontram com atividades paralisadas. No dia 26, os professores de Belém também iniciaram greve pelo piso salarial nacional.

Ainda em Belém, o ato pela redução da tarifa de ônibus reuniu cerca de 1.200 pessoas, no dia 20, e foi até o local de exposição da taça da Copa do Mundo. Os manifestantes exigiam a revogação do aumento da tarifa de ônibus que foi de R$2,20 para R$2,40. O protesto foi reprimido pela polícia.

Rio de Janeiro

Profissionais da rede municipal de Duque de Caxias, em greve, ocuparam o prédio da Secretaria Municipal de Educação, reivindicando uma audiência com representantes do governo municipal. No dia 26, a categoria realizou um "rolezinho da educação" para marcar a chegada da seleção brasileira em Teresópolis.

Nordeste

No dia 22, em Fortaleza, mais de cinco mil operários realizaram uma grande assembleia e uma grande passeata que foi reprimida pela polícia. Na assembleia realizada na Praça Portugal, centenas de operários da construção civil votaram a favor do estado de greve da categoria, a paralisação dos trabalhos por duas horas diárias e a manutenção das propostas de reivindicação.

Em Teresina (PI) e em São Luís (MA), motoristas e cobradores também cruzaram os braços. Em Salvador (BA), os rodoviários votaram greve a partir do dia 27.

Em Natal (RN), a greve dos servidores municipais da saúde continua.

São Paulo

No dia 20, explodiu a greve dos motoristas e cobradores em São Paulo (veja ao lado). No mesmo dia, 15 mil educadores municipais realizaram uma grande passeata até a prefeitura. No dia 22, seguindo o exemplo de São Paulo, motoristas e cobradores de empresas que atendem os municípios da Região Metropolitana também paralisaram suas atividades. No dia 23, os metroviários de São Paulo entram em estado de greve.

Com a presença de mais de 2 mil trabalhadores da Universidade de São Paulo (USP), foi aprovado, por unanimidade, greve por tempo indeterminado para o dia 27. Os docentes e alunos da universidade também realizaram assembleias nesta data e aprovaram greves para o mesmo dia.

Na noite do dia 22, uma manifestação convocada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e Resistência Urbana "Copa Sem Povo, Tô na Rua de Novo!", reuniu aproximadamente 20 mil pessoas segundo a organização do evento. O ato percorreu algumas das principais avenidas da zona oeste de São Paulo e terminou na ponte Estaiada.

CUBATÃO

Patronal endurece com greve operária

GABRIEL CASONI, de Santos (SP)

No dia 19 de maio, em diversas empresas da região, a proposta da patronal foi aceita, depois de algum avanço no índice salarial. Porém, entre os 5 mil operários do consórcio responsável pela nova unidade de diesel, na refinaria da Petrobras, a avaliação é diferente: é necessário um acordo melhor. A assembleia não vacila e a greve continua.

No dia seguinte, o patrão, como um malandro trapaceiro, cortou o vale alimentação dos trabalhadores. *"Agora o caldo vai entornar. Se querem intimidar a gente, a nossa resposta vai ser no mesmo calibre"*, disse João, montador da obra.

Dito e feito. A massa de operários ocupou a avenida central que dá acesso à refinaria Presidente Bernardes. Na entrada principal, um bloqueio foi formado com pneus em chama.

A REBELIÃO DE BASE

No dia 22, a justiça faz a "proeza" de piorar a proposta da patronal, reduzindo em 2,5% o aumento salarial proposto, e decretou a greve ilegal. *"Tribunal é tudo dominado por essas empresas, é tudo combinado já"*, diz Paulo, um operário da obra.

No dia 26, a greve chega ao seu 22° dia. Telegramas com ameaça de demissão chegam às casas da peãozada. Os patrões apertam o cerco. Do outro lado, os trabalhadores respondem com a radicalização do movimento. Após a assembleia, os operários fecham os dois sentidos da rodovia Anchieta, que liga São Paulo ao porto de Santos. O sindicato da categoria, ligado à Força Sindical, não comparece. Revoltados, os grevistas resolvem votar uma comissão de representantes por fora do sindicato: quatro trabalhadores de base são eleitos. *"A partir de agora, o sindicato só fala com a nossa autorização e quando a gente quiser"*, diz Pedro, um dos líderes eleitos. O sindicato se se cala. E a greve segue.

15 de maio: protestos tomam as ruas do país

Em São Paulo, o dia foi marcado por greves em mais de uma dezena de fábricas metalúrgicas, convocadas pelo sindicato de metalúrgicos local. Os professores da rede municipal realizaram uma enorme passeata. Os metroviários paralisaram o setor de manutenção. As famílias da Ocupação Esperança, do Luta Popular, fecharam a rodovia Anhanguera ainda no inicio da manhã. O MTST promoveu diversas mobilizações, também pela manhã em vários pontos da cidade. No Rio de Janeiro, três mil pessoas saíram da Central do Brasil e fizeram uma passeata até a frente da prefeitura. Participaram várias categorias em luta, como as redes estadual e municipal de educação, os servidores públicos federais, entre outras. Em Belo Horizonte, uma grande manifestação reuniu diversas categorias em greve, como professores da rede municipal, servidores, professores da rede estadual e as famílias da Ocupação Wiliam Rosa, do Luta Popular.

Encontre a sua greve!

Greve da Educação Municipal Niterói, São Gonçalo, Nilópolis, Caxias, Cachoeira de Macacú, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, Abaetetuba, Ananindeua, Barcarena, Medicilândia, de Xinguara.

Greve da Educação Estadual Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Greves Nacionais Servidores da Cultura; Servidores das Universidades Federais; servidores da educação básica, técnica e tecnológica federal (Pedro II).

Trabalhadores da Saúde Greve da Vigilância Sanitária Estadual RJ; servidores do INCA; Hospital Cardoso Fontes; trabalhadores da saúde em Natal (RN).

Servidores da Justiça Federal Bahia, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, São Paulo.

Outras categorias Greve da Fundação Estadual da Criança e do Adolescente (Fundac); Instituto de Previdência dos Servidores do Rio Grande do Norte (Ipern).

O que é greve?

HENRIQUE CANARY, Secretaria Nacional de Formação do PSTU

À primeira vista, uma greve aparece como um conflito isolado entre os operários de uma empresa e seus patrões, uma simples tática dos trabalhadores na luta por seus salários. Isso é assim por um lado. Por outro, as greves possuem também um sentido mais profundo, que todo trabalhador consciente precisa desvendar. Eis o objetivo deste artigo.

AS GREVES ENSINAM

As greves, quando comparadas com as revoltas desordenadas ou com a resistência silenciosa individual, representam uma forma superior de luta. Elas são o despertar da consciência do operário. Em primeiro lugar, porque são ações coletivas. Da mesma forma que nenhum operário pode colocar uma fábrica para funcionar sem seus colegas, também nenhum operário pode parar uma fábrica sozinho. Para isso, é preciso a ação coordenada de todos os trabalhadores da empresa, ou pelo menos de uma parte importante. As greves revelam, então, o caráter necessariamente coletivo da ação operária. Além disso, mostram a possibilidade que os trabalhadores têm de controlar a produção, o poder potencial contido em suas mãos. Inversamente, as greves revelam como é frágil a situação do patrão, como seu domínio é baseado no engano e na ilusão.

Os patrões podem reprimir uma greve. Mas o que ela não pode fazer é colocar a empresa para funcionar sem os trabalhadores. As tentativas feitas às vezes por chefes, encarregados ou até mesmo por policiais militares de substituir os trabalhadores grevistas em suas funções geram situações verdadeiramente ridículas que são sempre lembradas pelos operários depois de cada greve ao som de enormes gargalhadas. Os braços dos trabalhadores parados podem ser quebrados, mas não podem ser ignorados. E nisso reside a força dos operários. Nisso reside a fraqueza de seus inimigos.

As greves acarretam enormes sacrifícios para os trabalhadores: corte de ponto, demissões, multas, repressão, perseguições e assédio. Mas elas fortalecem os trabalhadores muito mais do que enfraquecem: ensinam os trabalhadores a controlar a contabilidade da empresa, a enfrentar a repressão; desenvolvem seu instinto de solidariedade para com seus companheiros; fortalecem suas organizações; revelam os fura-greves e os traidores, mas também abrem o caminho para os líderes mais honestos e capazes. As greves também mostram a verdadeira face dos dirigentes sindicais, muitas vezes burocratas irrecuperáveis e bandidos declarados, que acabam atropelados pelos trabalhadores em verdadeiras rebeliões de base.

GREVES E LUTA POLÍTICA

A ampliação ou unificação das greves transforma o conflito inicial, isolado, em um conflito mais amplo: agora não é apenas uma fábrica, mas uma categoria inteira que se enfrenta não mais com um único patrão, mas com todo um cartel organizado. E mais importante ainda é quando as greves se nacionalizam e abarcam distintas categorias. Nestes caso, se revela a unidade de todos os patrões contra todos os trabalhadores e a luta adquire cada vez mais as características de um enfrentamento de uma classe inteira contra outra classe inteira. Ou seja, uma luta política.

> As greves acarretam enormes sacrifícios para os trabalhadores. Mas elas ensinam a enfrentar a repressão; revelam os fura-greves e os traidores, e abrem o caminho para os líderes mais honestos e capazes

Quando as greves se ampliam e se unificam, entra em cena o governo, que começa defendendo o diálogo e o bom senso, mas depois, diante da negativa dos operários em render-se, oferece aos patrões toda a ajuda do mundo para reprimir a greve. Assim, o aprofundamento do conflito coloca também para os trabalhadores o problema do Estado, da justiça, da imprensa, da polícia e das leis. Sua consciência corporativa, meramente sindical, começa a avançar para uma consciência política, de classe.

OS LIMITES DAS GREVES

Mas tudo o que dissemos até agora são possibilidades e não necessariamente as coisas acontecem assim. A luta grevista é a luta do trabalhador para vender sua força de trabalho mais caro. Ou seja, é uma luta dentro dos limites do capitalismo. Encerrados dentro dessa luta, os operários não poderão jamais chegar a uma consciência verdadeiramente socialista. O socialismo não é o resultado "inevitável" da luta da classe trabalhadora. É uma proposta política e social, elaborada a partir de uma análise científica de toda a história, de todas as classes, de todos os países.

E aqui entram os socialistas: eles não são jamais meros auxiliares do movimento operário ou sindical, embora ajudem e façam de tudo por este movimento. Mas são muito mais do que isso: são eles que unem, através de um partido político revolucionário, os operários com os outros oprimidos e explorados; mostram os caminhos que já foram percorridos, as experiências históricas; estabelecem alianças com os operários de outros países; educam os trabalhadores no espírito da desconfiança e do combate contra os patrões; revelam as manobras do inimigo, seus interesses mais escusos; ajudam os operários a tirarem as lições de cada luta e propõem novos objetivos; fortalecem nos trabalhadores a confiança em suas próprias forças; mostram para os operários as conclusões lógicas de sua própria ação: a necessidade da derrubada do capitalismo, da luta pelo poder e pela libertação revolucionária de todo o povo, ou seja, o socialismo. ■

Inflação dá goleada no bolso do trabalhador

DALMO RODRIGUES, de Santos (SP)

Se existe um legado para quem mora nas cidades-sede da Copa do Mundo é o aumento do custo de vida, com a elevação no preço de diversos serviços. Viver de aluguel é uma tarefa quase impossível e representa o drama comum dos moradores das cidades-sede.

Em São Paulo, morar perto do Itaquerão - estádio de abertura do evento – é para poucos. Hoje, é possível encontrar apartamentos de três quartos, antes alugados por R$ 1 mil, por até R$ 120 mil. Em Belo Horizonte, foi registrado o segundo maior aumento de aluguel (16,49%) desde que foram anunciadas, em 2009, as cidades que receberiam os jogos.

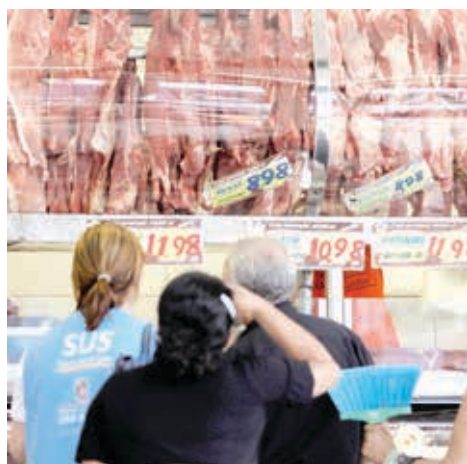
No Rio de Janeiro, uma página na internet foi criada para monitorar os aumentos abusivos de preço, sobretudo no comércio. Foram relatados casos de restaurantes que passaram a cobrar até R$ 72,00 por um strogonoff de frango e R$ 20,00 por um misto quente.

POR TRÁS DOS NÚMEROS

A última pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que indica uma ligeira queda na inflação, não foi suficiente para reverter a sensação entre os brasileiros de que o dinheiro está curto. Apesar dos muitos malabarismos do governo Dilma (PT) para passar a ideia de que o cenário é de "queda firme" nos preços, o drama cotidiano da classe trabalhadora demonstra que essa não é a realidade. A vida está pior.

Uma avaliação detalhada dos números mais recentes do IBGE desconstrói com facilidade o discurso do governo. A inflação registrada em maio subiu 0,58%, um pouco abaixo dos 0,78% de abril. Essa leitura, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - 15 (IPCA-15), não foi determinada por uma redução generalizada no preço dos alimentos, mas sim pela queda de 21,26% nas tarifas aéreas.

A verdade é que, entre maio de 2013 e 2014, a inflação alcançou 6,31%. Importante notar que o próprio governo, habituado a manipular para baixo os indicadores (sempre alguns degraus abaixo do real custo de vida da população), prevê mais inflação para este ano.

Na capital paulista, por exemplo, o preço da cesta básica avançou 0,83% na segunda metade de maio, passando de R$ 409,50 para R$ 412,90. Esse valor, calculado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), representa mais da metade do atual salário mínimo (R$ 724,00). Com despesas pesadas também em educação, saúde, transporte e moradia, fica fácil entender por que as categorias estão indo às ruas em greves radicalizadas por melhores salários e benefícios, inclusive contra as direções pelegas.

Inflação, o "imposto" dos pobres

Quem mais sai perdendo com a inflação são os trabalhadores. Isso porque a inflação, em linhas gerais, nada mais é que o aumento geral e persistente dos preços. Como os salários nunca acompanham essa evolução no mesmo ritmo, o poder de compra das famílias de baixa renda é corroído.

Diante de um cenário econômico desfavorável, os empresários estão lutando para manter a margem de lucro de seus negócios intacta. Ao mesmo tempo em que sobem o preço das mercadorias de forma especulativa, lançando possíveis prejuízos no colo do consumidor, os empresátio cobram ainda mais regalias do governo, como desonerações fiscais, leis que flexibilizem direitos trabalhistas e generosos subsídios.

De olho nas eleições, a presidente Dilma lançou algumas medidas para acabar com o "mau humor" do empresariado. Medidas que, infelizmente, mantêm uma política econômica que privilegia os ricos e poderosos.

Apoio ao agronegócio faz disparar preços dos alimentos

Um setor da burguesia responsável direto pelo aumento no preço dos alimentos é o agronegócio. Setor que, curiosamente, Dilma presenteou recentemente com R$ 156,1 bilhões, por meio do Plano Agrícola e Pecuário 2014/15.

Com isso, Dilma reafirma seu completo abandono pela reforma agrária, que poderia ser usada para assentar milhares de famílias sem-terra e, de quebra, combater a inflação com a produção de alimentos no país através da agricultura familiar. Hoje, num movimento inverso, o governo estimula a monocultura. Ou seja, a produção de uma única especialidade agrícola em grandes propriedades (os latifúndios), voltada para a exportação de produtos como soja e milho.

O Brasil é o maior exportador mundial de soja em grãos. Enquanto isso, é obrigado a importar itens básicos como arroz, feijão, carne e trigo – encarecendo o valor desses produtos. Dados da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA) demonstram que, de 1990 para 2011, *"as áreas plantadas com alimentos básicos como arroz, feijão, mandioca e trigo declinaram, respectivamente, 31%, 26%, 11% e 35%. Já as de produtos do agronegócio exportador, como cana e soja, aumentaram 122% e 107%"*.

A prova de que a agricultura familiar e os assentamentos da reforma agrária representariam um imenso avanço está presente no Censo Agropecuário de 2006: mesmo ocupando apenas 30% das terras agricultáveis do Brasil, respondem por 70% da produção dos alimentos consumidos aqui.

Dilma já mostrou que governa para os empresários, banqueiros e ruralistas. Por isso, no seu governo, a Reforma Agrária está parada. É preciso proteger os trabalhadores, não os patrões. E isso se faz com o aumento geral dos salários, congelamento de preços, uma reforma agrária profunda e a reestatização de empresas como Eletrobrás e Petrobras que, sob as mãos do Estado, poderiam estar a serviço do povo brasileiro – barateando a tarifa de energia e o combustível. ■

Copa para quem?

REMOÇÃO Crianca caminha em meio aos destroços depois da remoção na Favela Metrô-Mangueira

O legado da Copa será os bilhões de recursos públicos despejados nos bolsos dos empreiteiros e da Fifa

DIEGO CRUZ, da redação

Em São Paulo, o clima de Copa do Mundo contagia a cidade. Das ruas do centro da capital ao extremo da Zona Leste, as ruas vão sendo coloridas de verde e amarelo. Em todo o país, cresce a expectativa para a estreia da seleção canarinho. Achou estranho? Pois é, estamos falando dos poucos dias que antecederam o início da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul. Situação completamente diferente do que vivemos hoje. A poucos dias do mundial, não há o menor clima de Copa nas ruas, apesar de os jogos ocorrerem aqui.

Apesar da massiva campanha na mídia, a população percebe que essa Copa não é feita para o povo. Segundo dado do próprio governo está sendo investido um total de R$ 25,8 bilhões no mundial. Mais do que o destinado a 14 milhões de famílias pelo Bolsa Família (R$ 24,7 bilhões). Mas para onde está indo tudo isso?

É um investimento público que vai para o lucro dos grandes bancos, empresas, empreiteiras e multinacionais, como a Fifa. O "legado da Copa" utilizado pelo governo já não cola. Tanto que o governo teve que mudar o seu discurso e apelar ao patriotismo, falando que iríamos fazer a "Copa das Copas". Mas isso não mudou nada. Pesquisa realizada em fevereiro indica que a maioria dos brasileiros, ou 50,7%, não apoiariam a candidatura do país para sediar os jogos. Já outra pesquisa, mais recente, feita pelo Datafolha em São Paulo, mostra que 66% acham que a Copa vai trazer mais prejuízos que benefícios.

Os protestos que se espalham pelo país questionam: "Copa para quem"? A "Copa das Copas" que tanto fala Dilma é, na verdade, a Copa das empreiteiras. Estádios superfaturados enchem os bolsos das grandes empresas, enquanto os operários morrem nos canteiros de obras. Nove trabalhadores já perderam a vida na preparação dos estádios que receberão os jogos. Os mais pobres sofrem com as remoções forçadas e, nas ruas e favelas, a repressão avança contra os movimentos sociais e a juventude negra.

Nesse jogo, as empreiteiras gan

Num jogo de futebol, em geral, vence o time mais bem preparado. Mas no Brasil nem sempre é assim. Vira e mexe, um time importante, com um patrocinador graúdo por trás, consegue vencer um campeonato ou não ser rebaixado através dos cartolas, que mudam as regras para beneficiá-lo. Diz-se que esse time ganhou no "tapetão". É o que está acontecendo com as grandes empreiteiras nas obras da Copa, que multiplicam seus lucros no tapetão, com as obras superfaturadas no meio do contrato.

O gasto total com os estádios da Copa, segundo o governo, deve ficar em R$ 8 bilhões. Mais do que os gastos somados da Copa da África do Sul e da Alemanha. Desses, R$ 7,2 bilhões são recursos públicos, sejam dos estados ou através de bancos federais. Em praticamente todos os estádios, o custo final ficou muito acima do valor estipulado. Em alguns casos, como no Maracanã, o gasto de R$ 1,2 bilhão representa o dobro previsto. E o estádio ainda foi privatizado após o governo torrar milhões com a sua reforma. O estádio do Mané Garrincha, em Brasília, foi outro em que o custo final superou em muito as estimativas. Estava previsto em R$ 745 milhões e acabou saindo por R$ 1,4 bilhão. A obra mais cara da Copa.

Mas o superfaturamento das obras não acontece só nos estádios. As chamadas obras de mobilidade urbana, ou seja, aquelas que supostamente seriam obras de transporte público e ficariam como legado para a população, além de

Um Transporte público de quinta divisão

Nos dias 20 e 21 de maio, a capital paulista parou com a greve dos motoristas e cobradores de ônibus (leia nas páginas 5 e 6). A imprensa, cumprindo o seu papel de jogar contra as greves, estampou na televisão e nas manchetes dos jornais o "caos" em São Paulo. Nas imagens, as vans e metrôs superlotados nos horários de pico e o sofrimento da população na volta ao trabalho.

Só se esqueceram de dizer que aquelas cenas não é exclusividade dos dias de greve. O caos no transporte público tão alardeado pela imprensa faz parte do dia-a-dia dos trabalhadores, que convivem com uma das tarifas mais altas do mundo e ainda tem de suportar a superlotação e os ônibus e trens precários e inseguros.

Um dos principais argumentos do governo para investir na Copa foi justamente o suposto legado na questão da "mobilidade urbana". Isso significaria novas linhas de ônibus, trens, metrôs, etc. E é justamente nesse setor que as obras estão mais atrasadas. Levantamento realizado pela Folha de S. Paulo mostra que apenas 10% das obras de mobilidade prometidas para a Copa estão prontas.

Grande parte do que foi prometido só vai ficar pronta após os jogos. Se ficar pronta algum dia. Em Cuiabá (MT), por exemplo, as principais avenidas da cidade estão tomadas por canteiros de obras que não ficarão prontas para os jogos. Tal situação fez o secretário da Copa, Muricío Guimarães, soltar a seguinte pérola: *"Os turistas vão vir para pela festa, não para ver viaduto ou trincheira"*.

Isso mostra ainda como essas obras de mobilidade urbana, além de serem verdadeiros dutos de escoamento de recursos públicos para as grandes empreiteiras, vão servir apenas aos turistas que desembarcarem no país para a Copa, como é o caso da TransCariosa (leia ao lado). Privilegiam, assim, o trajeto do aeroporto para os estádios e os principais pontos turísticos.

A grande maioria da população vai continuar com o transporte público de sempre, espremida como gado nos trens, metrôs e ônibus dos grandes centros urbanos. E pagando caro por isso.

O país da Fifa

Além das empreiteiras e grandes empresas, essa Copa também é da Fifa. Uma grande multinacional que vive, na prática, de gordos patrocínios e toda sorte de licenciamento, e impõe aos países um conjunto de leis que lembram o período da colônia. No Brasil, a Fifa espera ter um lucro recorde de R$ 9 bilhões, no mínimo. Serão quase R$ 2 bilhões a mais que lucrou na última Copa. E isso completamente livre de impostos. Se fosse pagar como qualquer empresa, a Fifa teria que repassar R$ 1 bilhão aos cofres públicos.

É isso o que determina a Lei Geral da Copa que, entre outros absurdos, traça uma área de exclusividade no comércio do entorno dos estádios que vai impedir um pipoqueiro de trabalhar ali sem o aval da Federação. Na área de 2 quilômetros que circundam o estádio, o comércio não vai poder vender nenhum produto que seja concorrente das empresas vinculadas aos jogos. Ou seja, uma padaria que esteja nessa área pode ser impedida de vender uma tubaína, já que a Coca-Cola é parceira da Fifa.

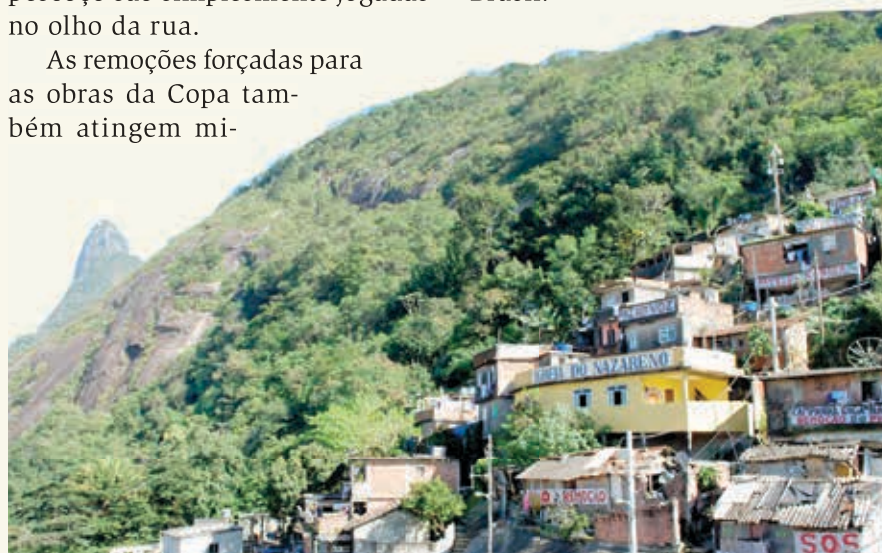
...ham no tapetão

privilegiarem o acesso a estádios e aeroportos, constitui uma sangria desatada em que jorra recursos para as empreiteiras. É o caso da obra TransCarioca, o corredor de ônibus que ligará o aeroporto do Galeão no Rio à Barra da Tijuca. Foi orçada em R$ 1,34 bilhão, a mais cara desse tipo de obra. E hoje já está em R$ 2,2 bilhões.

Para lucrar ainda mais, as empreiteiras jogam baixo. Após o contrato assinado, recebem uma série de "aditivos", ou seja, uma espécie de adendo ao contrato para aumentar o valor que deveriam receber. É por isso que as obras saem sempre mais caras que o inicialmente estimado. Para as grandes empresas, não é difícil comprar o juíz no meio do jogo, ou seja, convencer os governos a aumentar o valor dos contratos após assinado. Afinal, são elas que pagam as campanhas eleitorais. Basta ver, por exemplo, que as empreiteiras foram as principais financiadoras da campanha eleitoral do PT nas últimas eleições.

Povo é jogado para escanteio

Enquanto as empreiteiras lucram como nunca, o povo é colocado para escanteio. As obras da Copa e a especulação imobiliária, ou seja, o aumento artificial e absurdo do preço dos imóveis, expulsa os mais pobres para as regiões mais afastadas. E mesmo na periferia, as famílias com o aluguel até o pescoço são simplesmente jogadas no olho da rua.

As remoções forçadas para as obras da Copa também atingem milhares de pessoas, aprofundando o problema da moradia no país. Segundo a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa, 250 mil pessoas já foram atingidas pelas remoções no país. O aumento do déficit habitacional (a falta de moradias) é outro legado que a Copa do Mundo vai deixar ao Brasil.

PICO DO SANTA MARTA, ameaçado de remoção exibe faixas de protesto e de pedidos de solidariedade.

O que fazer só com o dinheiro dos estádios

R$ 8 BILHÕES
gastos apenas nos estádios

=

83 MIL MORADIAS
46,5 metros, com dois quartos, banheiro, sala e cozinha, ao custo de R$ 96 mil a unidade

Um Brasil para os trabalhadores

Nos dias 14 e 15 de junho PSTU realiza Seminário Nacional de Programa da pré-candidatura de Zé Maria

J. FIGUEIRA, da Redação

Avançam os preparativos para a realização do Seminário Nacional de Programa da candidatura do metalúrgico Zé Maria à presidência da República. O Seminário será realizado nos dias 14 e 15 de junho em São Paulo quando também serão ficialmente aprovada a candidatura presidencial do PSTU. As expectativas são grandes para discussão e elaboração de um programa de mudança para o país. Diversos ativistas, grupos e intelectuais já confirmaram presença no evento.

No país em que a Fifa, os banqueiros, as empreiteiras e o agronegócio são os donos da bola e em que os governos deixam o povo fora do jogo, é fundamental que se apresente, nas próximas eleições, um programa operário, anticapitalista e anti-imperialista, que aponte para uma mudança radical da sociedade rumo ao socialismo.

A candidatura de Zé Maria será um instrumento para dar voz às ruas, às lutas, greves e ocupações e fortalecer a construção de um campo dos trabalhadores e da juventude, em oposição aos campos burgueses que se apresentam nas eleições através das candidaturas à presidência de Aécio (PSDB), de Campos (PSB) e, também, de Dilma (PT).

ROMPER COM OS BANQUEIROS, EMPREITEIRAS E AS MULTINACIONAIS

Para atender as demandas da população e garantir saúde, educação, transporte, moradia e reforma agrária, enfim, um Brasil para os trabalhadores e a juventude, é preciso romper com o modelo político e econômico que impera no país e que está a serviço das grandes empresas nacionais e multinacionais.

O povo não quer a volta da velha direita, mas também não quer continuar como está. Os parceiros de FHC são, hoje, os aliados de Lula e Dilma. Os governos do PT também privilegiam os donos da bola. Os empresários lucraram como nunca em suas gestões. Os empregos criados com o crescimento econômico sempre tiveram o limite da precariedade e um teto muito baixo de salários.

Diante dos primeiros sintomas de crise, os de sempre querem mais exploração. Montadoras de automóveis que ganharam rios de dinheiro com subsídios do governom ameaçam com demissões e inflação. Patrões da construção civil, donos de empresas de ônibus e mesmo os governos se negam a reajustar os salários e os vencimentos.

Zé Maria leva o apoio do PSTU aos operários da construção civil de Cubatão (SP).

O dinheiro da saúde e educação vai pra Fifa e para os bancos. Os governos do PT são a maior expressão de que não é possível mudar o país sem romper com banqueiros, empreiteiras e multinacionais. Atrelado aos capitalistas, o PT não mudou o Brasil. Os capitalistas mudaram o PT.

NÃO PAGAR A DÍVIDA

Todos os anos o governo federal desembolsa para os bancos, a título de pagamento da dívida, algo em torno de 40% do orçamento federal, quase metade do que arrecada com os impostos pagos pela população. No entanto, o governo gasta somente 4,29% com a saúde e 3,7% com a educação (ver gráfico abaixo). Ou seja, o governo destina aos banqueiros 5,5 vezes mais do que gasta com saúde e educação juntas.

Como disse Zé Maria à revista "Caros Amigos": *"quando o Lula assumiu, em 2002, tínhamos uma dívida pública na ordem de 870 bilhões de reais no país; de lá até o final de 2013, foram pagos ou obtidos mais empréstimos para refinanciar a dívida, num total de 6,8 trilhões de reais. E, hoje, a dívida pública está atingindo os 3 trilhões de reais"*.

Não é possível mudar essa situação e investir 10% do PIB em educação pública e outros 10% na saúde pública sem romper com os bancos e o pagamento da dívida pública. É possível mudar, mas, para isso, é preciso suspender imediatamente o pagamento da dívida e reestatizar todo o sistema financeiro, ou como disse Zé Maria à revista: *"É preciso colocar o sistema financeiro a serviço dos interesses da população e do país"*.

Para garantir essas e outras medidas, como aumento geral de salários e redução da jornada de trabalho é preciso atacar os lucros das grandes empresas. Não é possível fazer isso e governar com os banqueiros, empresários e as multinacionais.

POR UMA PETROBRAS 100% ESTATAL E ESTATIZAÇÃO DOS TRANSPORTES

Um governo para os trabalhadores deve parar o processo de privatizações e, por exemplo, reestatizar a Petrobras por completo, colocá-la a serviço da população e reduzir o preço dos combustíveis, o que barate aria a linha de produção e, principalmente, os transportes.

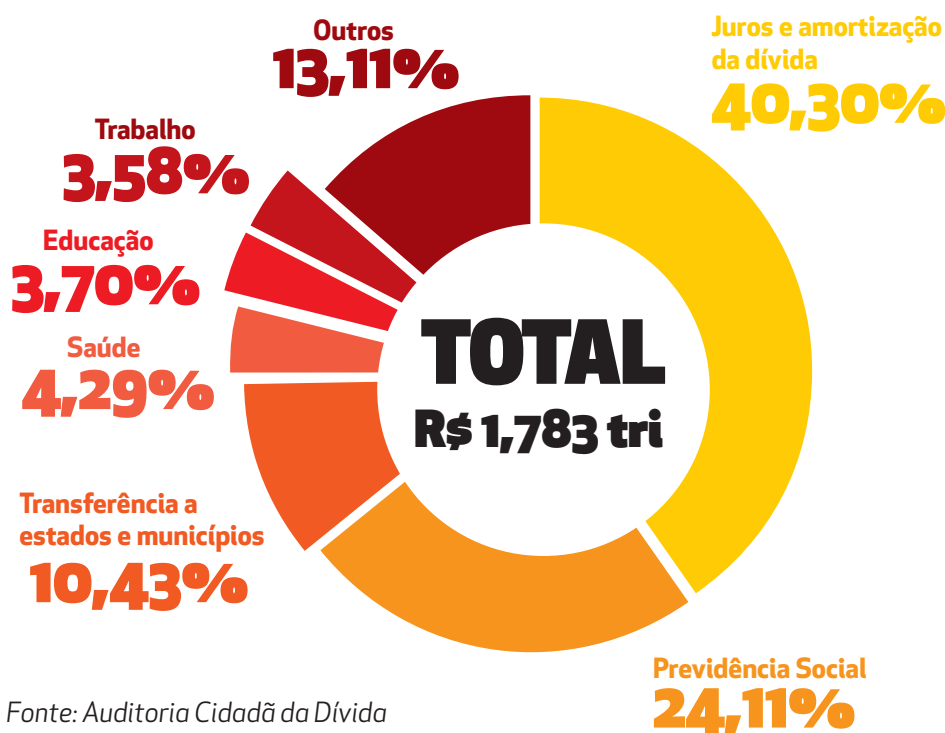
A recente greve dos rodoviários de São Paulo parou a capital paulista e, novamente, colocou na ordem do dia a discussão sobre os transportes públicos no Brasil. Os governos tentaram responsabilizar os grevistas pelo caos nos transportes, mas se esqueceram que, todo dia, a população sofre com os péssimos serviços e as altas tarifas.

A privatização, através das concessões e das PPPs (Parcerias Público-Privadas), é responsável pelo sufoco que a população passa. Para garantir transporte de qualidade para os trabalhadores e a juventude é preciso enfrentar a máfia dos transportes e garantir a estatização do sistema e tarifa zero, já!

A MUDANÇA ESTÁ NAS GREVES E NAS LUTAS

A esperança está nas ruas, as mudanças virão com as lutas e greves e não através de alianças com empresários e políticos corruptos.

Não é coincidência que os setores econômicos que mais se beneficiam no governo Dilma são também os que mais contribuíram com a campanha petista. As empreiteiras, por exemplo, doaram cerca de R$ 37 milhões (cerca de 27% de toda a arrecadação) sendo da construção civil três dos cinco maiores doadores da campanha do PT: Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez e UTC Engenharia.

A candidatura de Zé Maria é uma ferramenta para os trabalhadores e a juventude que, em todo o país, lutam por melhores condições de vida e trabalho e contra as injustiças da Copa do Mundo da FIFA, lutam pela na construção de um Brasil para os trabalhadores. ■

"Para o PSTU, a destruição do racismo é inseparável da luta contra o capitalismo"

DA REDAÇÃO

Cláudia Durans, pré-candidata a vice-presidência pelo PSTU, iniciou sua militância aos 16 anos, no bairro da Liberdade, em São Luís do Maranhão. Em 1983, ingressou no curso de Serviço Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde atuou no movimento estudantil. Em 1992, rompeu com o PT e passou a se dedicar à construção do PSTU. Mesmo ano em que se tornou professora da UFMA.

Autora do livro "Limites do Sindicalismo e Reorganização da Luta Social", Cláudia é, atualmente, diretora da APRUMA (seção sindical do ANDES-SN) e tem participado ativamente das lutas nacionais em defesa da educação pública de qualidade.

Toda sua militância tem sido marcada pelo fato de ser uma mulher negra consciente de que a libertação dos trabalhadores é inseparável da luta contra toda e qualquer forma de opressão, seja a machista, racista ou homofóbica. Uma certeza que se traduz na sua luta pela construção de um movimento negro classista e que a levou a ser uma das dirigentes nacionais do Quilombo Raça e Classe, filiado à CSP-Conlutas.

Confira abaixo entrevista que Cláudia concedeu ao Opinião Socialista.

Opinião Socialista: Negros e negras têm sido vitimas de um verdadeiro genocídio, que atinge jovens, como DG, Douglas; trabalhadores, como Amarildo, e mulheres, como Cláudia da Silva, barbaramente assassinada no Rio. Quais são as raízes desta violência?

Cláudia Durans – O genocídio da população negra, sobretudo da nossa juventude, é assombroso e está crescendo com a aproximação dos megaeventos. Entre 2002 e 2010, mais de 272 mil negros foram assassinatos, número bem acima de países em guerra civil. Por trás disto, está a concentração de renda e o fato do governo comprometer metade do orçamento público com pagamento de dívidas com os banqueiros. É isto que tem intensificado os ataques ao povo negro, seja nos centros urbanos ou nas comunidades quilombolas. É um problema de raça e classe.

O governo do PT foi incapaz de alterar minimamente esse quadro. Se em 2002, morreram, proporcionalmente, 71,7% mais jovens negros do que brancos, em 2010 esse índice se elevou para 153,9%. Dilma tem na implantação das UPPs sua principal política de combate à violência, mas isto apenas reforça o estigma de que o povo negro tem um DNA propenso à violência.

O que o PSTU defende contra esta situação?

Cláudia – Temos certeza que a raiz do problema do negro está na forma como o capitalismo se estruturou em nosso país, depois de quase 400 anos sob a nefasta violência da escravidão. De imediato, defendemos a necessidade de aumentar o investimento em políticas públicas e em reparações raciais para combater a violência e melhorar as condições de vida do nosso povo. No entanto, essa luta deve está combinada com a luta pela destruição do capitalismo.

A violência que atinge as mulheres negras é cotidiana, principalmente entre as trabalhadoras. O que o PSTU defende para combater esta situação?

Cláudia – Um estudo do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) mostrou que, nos últimos dez anos, 50 mil mulheres brasileiras foram assassinadas. Dessas 61% são negras. No Nordeste, a região mais negra do país, 87% das vítimas de homicídios são negras. A associação raça/gênero/classe acentua a pobreza e a violência contra nossas irmãs que, somente em 2011, sofreram cerca 11 mil ataques sexuais. Esses dados comprovam que o capitalismo reforçou ainda mais a ideia de que somos propriedades e objetos sexuais, tal como na época da escravidão.

Tudo isto é uma expressão extrema da crise do capitalismo. E contra isso, o PSTU tem jogado todas as suas forças para fortalecer o movimento de mulheres e de negros numa perspectiva classista. Ao mesmo tempo, combatemos as correntes de esquerda que acreditam que a luta contra as opressões dividem nossa classe. Pelo contrário, o que divide nossa classe é o machismo, o racismo e a homofobia.

Cláudia Durans, pré-candidata à vice-presidente pelo PSTU

Você esteve no I Encontro Nacional de Negros e Negras da CSP-Conlutas. Mais de 1400 pessoas participaram, entre eles companheiros da África do Sul que denunciaram a persistência do racismo no país de Mandela. Nos EUA, Obama tem o triste recorde de ser o presidente que mais deportou imigrantes latinos. O que você pensa disso?

Cláudia Durans – Na África do Sul a estrutura de dominação econômica e social da época do apartheid foi mantida às custas da incorporação de uma burguesia negra ao governo. A queda do apartheid foi uma vitória do povo negro, mas a eleição do Mandela foi resultado de acordo feito pelo seu partido, o Congresso Nacional Africano (CNA), para evitar que a burguesia branca e o imperialismo fossem expropriados por uma revolução que estava em andamento. O assassinato de 34 mineiros que estavam em greve em Marikana foi a maior expressão de que o CNA governa para a burguesia branca. Já Obama foi eleito em meio ao desgaste do imperialismo norte-americano e apoiado pela burguesa imperialista e racista. As coisas não mudaram para a população negra desses países, porque não basta mudar a cor da mão que segura o chicote.

> "A raiz do problema do negro está na forma como o capitalismo se estruturou no Brasil, depois de quase 400 anos da escravidão

Qual é a diferença das propostas do PSTU para destruir o racismo?

Cláudia Durans – No Brasil, partidos como o PT e o PCdoB jogam migalhas para o povo negro visando unicamente cooptar o movimento e mascarar sua aliança com os partidos burgueses, os latifundiários, os banqueiros e empresários. Ou seja, com os setores mais reacionários e racistas da sociedade brasileira. Mundo afora, o racismo aumenta no mesmo ritmo da crise do capitalismo. Por isso, nós do PSTU, por exemplo, impulsionamos a organização de negros e negras no interior de uma central sindical como a CSP Conlutas, que construiu, em março, um dos maiores encontro classistas de negras e negros da América Latina. Para nós, a destruição do racismo é parte fundamental e inseparável da luta contra o capitalismo. Como também entendemos que a revolução brasileira passa necessariamente pelas mãos do proletariado negro, não só por sermos a maioria da população, mas também por estarmos entre os mais oprimidos e explorados. ■

CORREIO INTERNACIONAL
LIT-QI
UMA PUBLICAÇÃO DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES – QUARTA INTERNACIONAL

Declaração so

Uma publicação da Liga Internacional dos Tr

Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional

O processo revolucionário aberto na Ucrânia a partir da derrubada de Yanukovich vive, agora, o seu segundo ato. O novo governo de Yatseniuk-Turchinov, após assinar um acordo perverso com a União Europeia (UE) e o FMI, lançou um ataque brutal contra os trabalhadores e o povo.

Com isso, o movimento separatista no Leste ucraniano se fortaleceu, apoiando-se em um legítimo sentimento de repúdio de amplos setores de massas do Sudeste ao governo entreguista da Ucrânia. Kiev reagiu enviando tropas e tanques para reprimir a população da área.

Tal como ocorreu na Praça Maidán, onde atuaram forças de ultra-direita, neonazistas e pró-imperialistas, agora as forças reacionárias do Leste (chauvinistas russos e stalinistas) estão desviando a necessária luta contra o oligárquico governo de Kiev para um movimento separatista reacionário que quer a divisão dos trabalhadores da Ucrânia. É preciso combater esse movimento para manter a unidade da Ucrânia e a sua classe operária.

Tanto o novo governo ucraniano como Moscou compartilham a política de jogar nas costas dos trabalhadores a crise que eles mesmos provocaram, e querem encerrar o processo revolucionário. Ambos são agentes do imperialismo. Mas, nesse marco, disputam migalhas da cota de exploração e saque dos recursos naturais. E, para isso, deixaram o povo à beira de um confronto fratricida.

A República Popular de Donetsk (RPD) é um movimento separatista regressivo, pela "independência", que arrasta parte dos trabalhadores do Leste dividindo o proletariado ucraniano e ameaçando com uma divisão que liquidaria a Ucrânia. E Kiev lança seus tanques para afogar em sangue não só o movimento separatista como também toda possibilidade de reação da classe operária da região mais industrializada do país.

Agora, ambos tentam parar o que provocaram, mas a questão escapou de suas mãos. Só a classe operária organizada, com seus próprios métodos e luta, é capaz de enfrentar o duplo ataque pró-imperialista de Kiev e de Putin.

SEPARAÇÃO CRIMINOSA

Não estamos nem no campo político do governo de Kiev nem no de Putin e seus agentes separatistas da República Popular de Donetsk, que são outro mecanismo para a mesma colonização da Ucrânia. Nenhum oferece um futuro de independência nem a solução dos problemas sociais da Ucrânia. Estamos contra a ofensiva dos tanques de Kiev, assim como a separação criminosa que se esconde por trás da armadilha da República Popular de Donetsk.

Defendemos a unidade da classe operária ucraniana contra ambos os projetos burgueses. Estamos por uma Ucrânia unida, independente, que rompa com a opressão histórica russa e com o projeto de colonização impulsionado tanto pela UE e pelo FMI como por Putin.

Saudamos o surgimento de processos da classe trabalhadora nas províncias do Leste, que enfrentam tanto o separatismo pró-russo como o governo pró-imperialista de Kiev. Neles está a esperança de toda a Ucrânia.

O PRIMEIRO MOMENTO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

A queda de Yanukovich foi a expressão do processo revolucionário alcançando um dos elos mais fracos do capitalismo europeu. A crise econômica no país, com um quarto da população na pobreza absoluta e um desemprego que alcança três milhões de pessoas, levou as massas ucranianas à ação. A essa base material se somaram os exemplos da revolução mundial.

Por um lado, derrotou o governo e debilitou um regime bonapartista. Por outro, derrotou Yanukovick, um agente da UE e da opressão russa, ainda que, ao final, tenha se inclinado por Moscou e freado a ida à UE.

O governo provisório de Yatseniuk firmou um acordo com o FMI, o que é um passo qualitativo na colonização do país e sua submissão à UE. O plano inclui um duríssimo ataque contra o povo ucraniano, assim como a recomposição de suas Forças Armadas diretamente pela CIA, criando a Guarda Nacional, que incorpora ao aparato repressivo estatal as hordas neonazistas que atuaram em Maidán.

Contudo, o balanço deste primeiro momento não pode se limitar a isso. O mais importante é que se iniciou um processo revolucionário que o novo governo não pode conter. As massas entraram em ação, com suas gigantescas confusões e com o vazio de direção revolucionária. Mas acabaram os tempos de estabilidade. Revolução e contra-revolução, agora, se enfrentam de forma complexa e confusa, mas com uma intensidade inédita.

O SEGUNDO MOMENTO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

Ao jogar nos ombros dos trabalhadores a profunda crise econômica, o governo de Kiev mostrou sua cara e abriu um novo momento na luta das massas.

Ainda que a campanha de desinformação da imprensa caracterize a mobilização no Sudeste da Ucrânia como um movimento dirigido por "forças separatistas" e "pró-russas", a verdade é que estamos frente a um movimento muito mais complexo.

O Sudeste ucraniano é a região mais industrializada do país, particularmente a província de Donetsk. Desde a mineração, passando pelas indústrias metalúrgicas, químicas e a mais importante concentração operária do país.

Com o colapso da economia ucraniana, a moeda nacional perdeu mais de 50% de seu valor em dois meses. Isso por si só representou uma profunda perda nos já baixos salários. A crise aprofundou o desemprego e o pacote de medidas exigido pelo FMI e aplicado pelo servil governo de Kiev, aumentou o preço do gás em 50%, congela os salários dos funcionários públicos, e está levando a um aumento generalizado nos preços. Essa foi a faísca que fez explodir a luta popular, com importante participação operária. O aumento do preço do gás (num país onde a temperatura chega a menos 20°C) significa a fronteira entre a vida e a morte para muitas famílias.

UMA ARMADILHA NACIONALISTA

Há uma luta nacional progressiva da Ucrânia como nação oprimida, tanto contra a opressão russa histórica como contra o imperialismo mundial. Essa luta deve continuar. E e se expressa, hoje, no enfrentamento ao governo de Kiev e às políticas da UE-FMI e de Moscou.

Isso não tem nada a ver com o atual esforço separatista expressado pela República Popular de Donetsk e a criminosa tentativa separatista encabeçada pelas organizações que realizaram o referendo de 11 de maio, que deve ser rechaçado pela classe trabalhadora ucraniana e do mundo.

A questão nacional no Leste da Ucrânia é, neste caso, uma manobra para desviar um profundo problema social. O proletariado ucraniano necessitava sair à luta contra o governo pró-imperialista de Kiev e o projeto de colonização do FMI.

Mas, esse ódio social é desviado para uma questão nacional pró-russa. Nessa região, cerca de 70% da população fala a língua russa. Os russos não podem ser considerados uma nacionalidade oprimida na Ucrânia. Ao contrário, são

obre a Ucrânia

rabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI)

uma nacionalidade opressora. O marxismo revolucionário defende, em geral, a autodeterminação das nacionalidades oprimidas, não das opressoras.

No entanto, a vitória revolucionária de Maidán não levou o governo a uma direção que buscasse incorporar o conjunto do povo ucraniano. Pelo contrário, Yatseniuk desfechou um duríssimo ataque social com o plano do FMI, com uma medida autoritária e provocadora contra a nacionalidade russa, rebaixando o russo a segundo idioma oficial do país. Antes dessas medidas, as correntes separatistas dessa região não tinham peso de massas. Foram essas medidas que lançaram um setor do proletariado na reacionária causa separatista.

A necessária luta do principal setor do proletariado ucraniano - em unidade com o conjunto dos trabalhadores - contra um governo apoiado por todo o imperialismo europeu e norte-americano, foi desviada para a falsa política que prega que a solução para suas vida é a independência de sua região e a separação da Ucrânia.

O referendo de Donetsk e Lugansk foi uma iniciativa dos setores separatistas para desviar a luta social das massas contra o governo de Kiev.

De acordo com seus organizadores -- o que é impossível verificar -- contou com uma massiva participação (cerca de 70% a 80% da população), que manifestou uma posição amplamente majoritária (falam de 90%) a favor da independência das regiões. O apoio à anexação russa é minoritário. Foi um referendo trapaceiro, porque consultava por sim ou não à “independência” mas, uma vez conhecidos seus resultados, a direção pró-russa da RPD manifestou sua intenção de ir à unidade com a Rússia, o que, de acordo com as pesquisas, não estava nas intenções da maioria.

É necessário repudiar com todas as forças esse referendo enganador, que esconde uma política criminosa para os trabalhadores ucranianos.

O governo pró-imperialista de Kiev tentou uma ofensiva militar contra o Estado rebelado, que foi um monumental fracasso. As forças regulares do exército se negaram a disparar e entregaram suas armas ao povo. Contudo, o exército foi substituído pelas novas forças de repressão (a Guarda Nacional e a Divisão Alpha), reorganizadas com a ajuda do imperialismo e recrutadas entre as fileiras das organizações neonazistas.

As operações militares voltaram à ativa de forma redobrada, como também o cerco das cidades rebeladas foi também redobrado. Devemos rechaçar, assim mesmo, a possibilidade de que o aparato repressivo de Kiev lance um massacre contra as populações do Leste.

UMA ESPERANÇA PARA O FUTURO DA REVOLUÇÃO NA UCRÂNIA

No entanto, não são estas as únicas forças que estão se movendo. Existem expressões de que há espaço na classe operária para uma postura diferente do nacionalismo pró-russo e de unidade da classe operária ucraniana para o enfrentamento com o regime de Kiev. Os trabalhadores das minas de Krivoy Rog, que apoiaram Maidán, agora reivindicam uma “Maidán operária” e manifestaram-se nas ruas.

Fizeram também um chamado: *“Ao mesmo tempo, pedimos às autoridades que legitimem a autodefesa dos mineiros e que armem as brigadas de mineiros. Naqueles lugares onde os trabalhadores organizados estão controlando a situação, a ação das massas não se traduz em assassinatos massivos”.* E o Sindicato Independente de Mineiros da Ucrânia fez uma convocatória aos operários britânicos para uma campanha internacional.

Como expressão de outro processo, entraram em movimento os operários metalúrgicos das fábricas de Akmetov, que empregam 280 mil trabalhadores no Leste ucraniano. Aparentemente, sob as ordens da grande burguesia, que tem medo de perder seus mercados caso se imponha a separação do Leste, os operários tomaram cinco cidades da região, incluindo Mariupol, expulsando as milícias pró-russas que as controlavam. Para isso, formaram piquetes que foram expulsando os separatistas -- ao menos em Mariupol --, limpando as barricadas das ruas e “restabelecendo a ordem”.

Não existe nenhum futuro para o proletariado ucraniano sob o mandato de Putin, ou de Yatseniuk-FMI, nem tampouco de Akhmetov. Mas esses movimentos são importantes para ver que não está consolidada no proletariado do Leste ucraniano a direção reacionária pró-russa. E, em geral, esses fatos demonstram que está colocada a possibilidade real de que os trabalhadores tomem a situação em suas mãos, enfrentando os separatistas pró-russos e o governo pró-imperialista de Kiev.

NÃO À DIVISÃO DA UCRÂNIA NEM A ENTREGA AO FMI!

Apoiamos a luta dos trabalhadores ucranianos do Sudeste do país contra o novo governo e suas medidas ditadas pelo FMI. Defendemos seu direito a manter seu idioma russo, ao mesmo tempo em que lutamos pela unidade da classe operária ucraniana e contra a divisão do país.

Mas não defendemos a independência nem consideramos que está em jogo um direito à autodeterminação nacional, pois tem em sua base uma maioria russa, que não é uma nacionalidade oprimida na Ucrânia. Por isso rechaçamos a RPD e o referendo do 11 de maio.

A vitória do separatismo e a participação da Ucrânia seria uma indubitável derrota para os trabalhadores do país e a nação oprimida, que destruiria toda possibilidade de uma Ucrânia independente e fortaleceria a dependência de cada uma das partes ao imperialismo em seu conjunto, além de fortalecer a continuidade da opressão russa sobre o Leste do país.

Uma unidade conseguida através de um massacre dos taques do governo de Kiev, seria uma derrota do proletariado ucraniano e europeu. Fortaleceria os governos da Alemanha e da França (além de Obama), apoiadores incansáveis de Yatseniuk-Turchinov. Ajudaria na colonização do país, com a imposição do plano do FMI.

A revolução ucraniana passa pela unidade de seu proletariado. A contrarrevolução tem duas cabeças: a dos campos burgueses da UE e Putin.

- Fora UE, EUA e Putin da Ucrânia!
- Não à separação do Leste, não à RPD!
- Enfrentar os divisionistas!
- Não à federalização nem à separação nem à anexação à Rússia!
- Abaixo o pacote FMI-Yatseniuk! Fora o governo pró-imperialista!
- Pela nacionalização das empresas e minas!
- Por uma Ucrânia unida e independente!
- Por uma Assembleia Nacional Constituinte que decida de forma democrática a organização do país e das regiões!
- Por um governo operário e socialista!

Saiba mais?

Víktor Yanukóvytch | Foi o presidente da Ucrânia de 2010 até ser derrubado pela mobilização das massas em fevereiro.

Oleksandr Turchinov | Foi o presidente que sucedeu Yanukóvytch. Ficou no posto até 25 de maio, quando ocorreram eleições presidenciais que deram a vitória ao grande empresário Petro Poroshenko, ex-ministro de Yanukovich.

Arseniy Yatsenyuk | Atual primeiro-ministro da Ucrânia, que assumiu o posto após a queda de Yanukóvytch.

Praça Maidán | Praça de Kiev onde se concentraram os protestos e os enfrentamentos com o governo de Yanukóvytch.

Donetsk | Cidade do sudeste da Ucrânia com população majoritariamente de língua russa que proclamou independência em abril último, declarando-se como República Popular de Donetsk.

Um partido diferente: revolucionário, socialista e democrático

BERNARDO CERDEIRA, da LIT-QI

Em 1994 mais de 20 grupos oriundos do PT fundavam uma nova organização: o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) que em seu nome expressava a fusão dessas organizações. Esta unificação foi produto de uma discussão de dois anos, processo que foi conduzido pela Convergência Socialista (CS), antiga corrente interna do PT que havia sido expulsa em 1992 e era de longe a organização mais forte entre as que formaram o novo partido.

Vinte anos depois, a situação atual que se vive no Brasil facilita uma avaliação da ruptura com o PT e da fundação do PSTU. Foi correto sair do PT naquele momento? Era correto fundar um novo partido socialista e revolucionário como o PSTU?

POR QUE A CS FOI EXPULSA DO PT?

Na raiz da expulsão da CS em 1992 estavam muitas das razões pelas quais hoje milhões de trabalhadores e jovens se decepcionaram e chegam à conclusão que o PT não é diferente dos demais partidos no poder. A participação em escândalos de corrupção como o "mensalão", os gastos da Copa, a aliança com a Fifa e com as grande multinacionais, as privatizações, a aliança com os banqueiros e o agronegócio, os acordos com as oligarquias mais corruptas deste país são evidências disso.

Depois de 12 anos no poder, o PT já não é mais aquele partido que despertava as esperanças de milhões de trabalhadores em uma transformação efetiva do país. Talvez até venha a ganhar de novo as eleições, principalmente porque a camada mais pobre da população tema perder o pouco que ganhou com as políticas de distribuição de renda e vote em Dilma para impedir que a direita ganhe. Mas, já não é o mesmo partido.

Em 1992 o PT havia entrado neste caminho: já recebia as regalias do Estado burguês, seus deputados, prefeitos e dirigentes desfrutavam desses benefícios, votou aliar-se com políticos burgueses e a acabar com a democracia interna que havia no partido. A expulsão da CS foi uma evidência deste processo e um marco neste rumo. Mais tarde, isso ganhou sua expressão máxima nos governos de Lula e Dilma.

Nem sempre foi assim. Quando foi fundado, o PT foi o primeiro partido de trabalhadores sem burgueses e em oposição a seus partidos. Lutava contra a ditadura militar e em defesa das reivindicações operárias. Em um artigo escrito quando da comemoração dos quinze anos do PSTU explicávamos que o PT "Foi uma referência política para o melhor da vanguarda sindical que surgira das greves de 1978-79 e 80. Por isso, a CS propôs sua constituição, e foi parte dele desde sua fundação, como uma corrente interna".

Mas, no mesmo artigo, assinalávamos que desde o princípio: "havia um forte elemento que impedia o desenvolvimento do PT como um partido operário independente: sua direção, representada pela corrente sindical burocrática encabeçada por Lula. Desde o princípio, essa direção procurou conduzir o partido para a colaboração de classes com a burguesia e transformá-lo em mais um partido eleitoral do regime democrático-burguês, adaptado à sua corrupção e privilégios.".

Para isso, a direção necessitava acabar com a existência de um regime interno relativamente democrático que era um obstáculo para seus planos. Precisava disciplinar ou cooptar as tendências internas de esquerda, que existiam desde a fundação do partido. A CS, a tendência mais consequente da oposição à direção, era contra a aliança com os partidos burgueses, defendia a independência da classe operária e a luta por um Governo de Trabalhadores que chegasse ao poder por uma Revolução Socialista e não que o PT governasse um Estado burguês e corrupto. Além disso, lutava pela democracia interna no partido e contra os privilégios para deputados, prefeitos e vereadores.

A CS foi expulsa por defender consequentemente este programa. Dessa forma, a direção do PT buscava remover obstáculos internos em seu caminho até os braços de seus aliados burgueses.

Hoje em dia, depois de 12 anos de governos encabeçados pelo PT, é mais fácil fazer o balanço deste partido. Este balanço foi feito em junho do ano passado, nas ruas, por milhões de manifestantes que mostraram sua decepção e insatisfação com o governo de Dilma e com os resultados destes anos. E isto se repete atualmente nas combativas greves de inúmeras categorias e nas manifestações diárias que continuam.

O PSTU NÃO SERÁ UM NOVO PT

Portanto, podemos dizer que a ruptura com o PT e todo o esforço para formar o PSTU - um novo partido classista, revolucionário e socialista - foi correto e nos permitiu ter, hoje, esse partido que não se deixou corromper como o PT e oferece uma alternativa aos trabalhadores e à juventude.

No entanto, a decepção com o PT gerou em uma desconfiança geral em relação a todos os partidos. Muitos nos perguntam se o PSTU não será um novo PT, ou seja, se não sofrerá a mesma degeneração política e moral deste partido. Ou, como mínimo, se não seguiremos o caminho do PSOL, que também foi fundado por correntes expulsas do PT, é oposição aos governos de Lula e Dilma, mas tem como objetivo central eleger seus candidatos e faz todo tipo de aliança para alcançar este fim.

Pra responder a estas dúvidas queremos, primeiro, abordar o problema da burocratização dos partidos operários de um ponto de vista histórico.

POR QUE OS PARTIDOS OPERÁRIOS SE DEGENERAM?

Esta pergunta tem muito sentido porque, até agora, a maioria dos partidos operários do mundo historicamente se degenerou e deu origem a algumas das mais traidoras e corruptas burocracias. O PT é apenas um dos muitos exemplos e nem sequer é o mais importante.

Um dos exemplos mais conhecidos foi o dos partidos socialdemocratas agrupados na II Internacional. Estas organizações se transformaram de grandes partidos socialistas combativos, construídos com base no pensamento de Marx e Engels, em partidos dirigidos por deputados e dirigentes sindicais oportunistas, que traíram a classe operária europeia na I Guerra Mundial ao apoiar as burguesias de seus respectivos países.

No entanto, o exemplo que teve consequências mais terríveis foi o do Partido Bolchevique, que dirigiu a Revolução Russa, a primeira Revolução Socialista vitoriosa, construiu o primeiro Estado operário e socialista do mundo. Mesmo derrotando os exércitos da contrarrevolução e das potências imperialistas, o partido se degenerou em uma burocracia privilegiada, o stalinismo, que implantou uma terrível ditadura sobre a classe operária.

Por que acontecem estes processos? Em primeiro lugar, essa degeneração burocrática é produto de uma política consciente das burguesias nacionais e principalmente do imperialismo. Desde o fim do século 19, quando a burguesia imperialista se viu ameaçada pelo crescimento dos sindicatos e partidos socialistas europeus, adotou uma política de comprar os dirigentes sindicais, deputados e dirigentes dos partidos operários com regalias e todo tipo de privilégios. Dessa forma, criou uma casta privilegiada que pode ser manejada da maneira que for mais útil aos grandes capitalistas.

Mas, é um erro pensar que estes processos sempre têm um desfecho inevitável. É possível lutar contra eles e, de fato, a história mostra que isso sempre aconteceu. Na II Internacional, houve uma esquerda, encabeçada por Lenin, Rosa Luxemburgo, Trotsky e Karl Liebknecht, que lutou contra a traição dos chamados social-patriotas. No Partido Bolchevique, surgiu a Oposição de Esquerda e, depois, a Quarta Internacional, lideradas por Leon Trotsky, que lutaram contra o stalinismo.

UM PARTIDO REVOLUCIONÁRIO E SOCIALISTA SEMPRE LUTA CONTRA A BUROCRACIA

É possível evitar a burocratização dos partidos? Se não fosse possível, a luta da classe operária e de todos os explorados e oprimidos do mundo estaria destinada à derrota inevitável e a humanidade caminharia para a barbárie.

Com o surgimento do stalinismo, que foi até agora a burocracia mais terrível e que chegou a assassinar milhares de revolucionários na URSS e em todo o mundo para assegurar seus privilégios, Trotsky incorporou ao programa da Quarta Internacional a luta contra as burocracias.

O primeiro ponto desta luta é que um partido tenha uma política revolucionária. O PT se degenerou porque sua direção, desde o princípio, orientou o partido para tentar chegar ao governo do Estado burguês. Para isso, procurava ocupar mais posições dentro deste Estado; isto é ter mais prefeitos, vereadores, deputados, senadores e governadores e, depois, buscando as mais espúrias alianças com partidos da burguesia.

O PSTU, ao contrário, tem como objetivo que a classe operária, os camponeses e os setores populares cheguem ao poder por meio de uma Revolução Socialista que destrua este Estado burguês e construa um Governo de Trabalhadores. Coerente com essa estratégia, o PSTU também luta permanentemente contra as burocracias dos sindicatos e partidos oportunistas.

O PROGRAMA E DEMOCRACIA INTERNA

Mas, a luta contra a burocratização não exige só uma política estratégica correta. Também exige medidas para o próprio partido. Isso inclui um programa para o partido. Este programa tem alguns pontos principais: a mais ampla liberdade de discussão interna; a realização de Congressos regulares, onde exista o direito a formar tendências e frações para lutar por suas posições políticas; o controle regular da atuação dos dirigentes pelas bases, assim como a eleição das direções em Congressos; o controle dos parlamentares pelo partido, incluindo o seu salário que não deve exceder o que ganhavam como trabalhadores, o resto sendo obrigatoriamente entregue ao partido e várias medidas neste mesmo sentido.

No entanto, um programa e uma estratégia correta, assim como a mais ampla democracia interna, não são suficientes para garantir que um partido não se degenere. O Partido Bolchevique russo, que foi o partido revolucionário mais importante e mais avançado até os dias de hoje, se degenerou na aberração do stalinismo. Isso se deu porque a revolução foi derrotada em vários países da Europa e a URSS ficou isolada durante anos, restrita a um país atrasado em cultura e técnica e devastado pela guerra civil que matou mais de um milhão de operários. Neste contexto, surgiu uma burocracia que conseguia privilégios para dirigir o país.

Isso quer dizer que, em última análise, o que garante o caráter revolucionário e não burocrático de um partido é o resultado da luta de classes, os processos objetivos que levam à revolução ou à contrarrevolução. Ou seja, o que pode garantir que um partido não se degenere é se a classe operária avança, se a Revolução Socialista eclode em seu país, se é vitoriosa e se estende internacionalmente.

A NECESSIDADE DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

Desse modo, chegamos ao ponto onde o ceticismo antipartido chega a uma contradição. A experiência histórica demonstra claramente que, para que uma Revolução Socialista triunfe e se estenda a outros países, é necessário que a classe operária tenha uma direção política; ou seja, um partido revolucionário.

Isso quer dizer que a dúvida dos milhares de novos ativistas que surgem das manifestações e greves sobre se a burocratização dos partidos operários só pode ter uma solução prática: participar da construção daquele partido que considerem o mais consequente com um programa classista, democrático e revolucionário.

Por isso, ao comemorar os 20 anos de sua existência, o PSTU chama esta nova geração de lutadores a vir construir conosco essa ferramenta essencial para que a classe operária faça a Revolução Socialista mundial, única garantia de que o partido não se burocratize. ■

Vinte anos do assassinato de José Luís e Rosa Sundermann

DA REDAÇÃO

No dia 12 de Junho de 1994, foram assassinados José Luís e Rosa Sundermann, às 3h30 da madrugada, em sua casa em São Carlos, interior de São Paulo.

José Luís era dirigente do Sindicato dos Servidores da Universidade Federal de São Carlos e da Federação dos Servidores das Universidades Federais (Fasubra). Rosa tinha sido eleita para o primeiro Comitê Central do PSTU, no congresso de fundação, uma semana antes do seu assassinato.

Sempre foram muito ativos em todas as lutas sociais e sempre estavam presentes nas mobilizações dos trabalhadores da região, como na greve dos cortadores de cana da Usina Ipiranga de Açúcar e Álcool Ltda., em agosto de 1990.

O assassinato destes combatentes revolucionários somente interessaria aos ricos e poderosos desta região, os mesmos que costumam contratar este tipo de assassino.

O crime correu no governo Itamar Franco e não foi solucionado. Por oito anos de FHC, os responsáveis continuaram impunes. Passado o governo Lula, nenhum passo foi dado em direção à apuração do assassinato de Rosa e José Luís. Situação que continua ocorrendo no governo de Dilma Rouseff.

Matheus Gomes, liderança das manifestações de junho em Porto Alegre

Liberdade pra lutar!

Ditadura nunca mais!

AMÉRICO GOMES, advogado e membro da Fundação José Luís e Rosa Sundermann

A repressão dos governos estaduais e federal procura criminalizar os movimentos sociais. Seu objetivo é fazer recuar os trabalhadores e a juventude que ocuparam as ruas desde junho de 2013 e, hoje, realizam greves e mobilizações. Os governos, a justiça e a polícia se perfilaram sob o comando da Fifa para garantir a festa das multinacionais durante a Copa.

O governo gaúcho, de maneira mais seletiva, ataca diretamente militantes do PSTU, do PSOL e da Federação Anarquista Gaúcha (FAG). No dia 16 de maio, o Juiz da 9º Vara Criminal de Porto Alegre aceitou denúncia do Ministério Público contra seis ativistas do Bloco de Lutas pelo Transporte Público, que lideraram as manifestações do ano passado. A injusta acusação é de *"formação de associação criminosa armada para prática de dano ao patrimônio, explosão e furto"*.

Os ativistas do Bloco de Lutas processados são: Matheus Pereira Gomes, ligado ao PSTU e membro da Assembleia Nacional dos Estudantes Livres (ANEL); Lucas Maróstica filiado ao PSOL e do coletivo Juntos; José Vicente Mertz, militante anarquista; Rodrigo Barcellos Brizolla e Alfeu Costa da Silveira Neto, do Movimento Autônomo Utopia e Luta, e Gilian Vinícius Dias Cidade, filiado ao PSTU.

Como prova da suposta associação criminosa, alegam que, durante reunião na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados do estado, o grupo teria organizado crimes a serem efetuados na manifestação do dia 27 de junho de 2013. A prova seria o depoimento de um repórter do jornal Zero Hora (ligado à Rede Brasil Sul de Televisão, afiliada à Rede Globo) que relata, genericamente e sem precisão, fatos completamente falsos.

No Inquérito Policial, é possível ver o relato de policiais civis infiltrados durante as manifestações, em completa afronta ao princípio constitucional da liberdade de manifestação, reunião e organização política. Apesar de toda essa prática absurda, a investigaçao não conseguiu traçar qualquer relação com os crimes denunciados. Ou seja, não há provas de que os ativistas tenham cometidos qualquer um dos crimes de que são acusado.

Na verdade, os ativistas estão sendo processados por lideraram manifestações do ano passado contra o aumento da passagem. Uma clara perseguição política cujo objetivo é calar aqueles que lutam.

Campanha de solidariedade

É urgente a realização de uma campanha que exija nenhuma punição para estes jovens. Nos marcos de uma campanha Contra toda a Criminalização dos Movimentos Sociais. Uma companha democrática no qual todos os setores, partidos e organizações do movimento social devem participar.

Este calendário inclui o dia 5 de junho, data em que será realizado um ato em Porto Alegre (RS), e o próximo dia 6, data do Seminário Contra a Criminalização em Florianópolis (SC).

Para avançar na campanha, é preciso que entidades e personalidades enviem telegramas, moções e notas de apoio. Entre no Portal do PSTU e veja como participar. ■

130 ativistas são processados em Campinas (SP)

No dia 22 de maio, a Justiça de Campinas acatou a denúncia do Ministério Público e iniciou o processo criminal contra 100 ativistas que participaram da manifestação na Câmara de Vereadores em agosto de 2013. Outros 30 atividades, menores de idade, também respondem na Justiça. Os lutadores são acusados de "desobediência" e "dano ao patrimônio público". A manifestação que durou cerca de 3 horas teve o objetivo de pressionar os vereadores a atender as reivindicações dos trabalhadores e da juventude que exigiam a redução da tarifa do transporte coletivo e o Passe Livre. A "manifestação" fez parte da onda de mobilizações que tomou conta do país desde junho do ano passado. Os processos em Campinas são mais um capítulo da política dos governos de tentar coibir as lutas através da criminalização dos movimentos sociais.